

# O DIÁLOGO CULTURAL DE JOÃO CABRAL DE MELO NETO COM O ESPAÇO ESPANHOL EM *SEVILHA ANDANDO*

Gislaine Goulart dos SANTOS<sup>1</sup>

## RESUMO

A partir da convivência de João Cabral com o espaço e com os artistas espanhóis, principalmente em Sevilha, este universo foi tomando conta não apenas da temática, mas também da expressão linguística utilizada pelo poeta em que ele apresenta figuras do mundo real – mulher e cidade – recriando-as com as palavras, dando-lhes uma nova roupagem em que mulher recebe os atributos da cidade e esta os atributos da mulher e constrói uma cidade, uma mulher e uma poesia ideais. Com base em tais informações, este estudo pretende investigar as figuras da cidade, da mulher e da poesia no livro *Sevilha andando*, analisando a diferença na abordagem da temática do feminino e do espaço urbano nas duas partes do livro em questão (“Sevilha andando” e “Andando Sevilha”), além do aprendizado de João Cabral com a poesia medieval espanhola e com os poetas da Geração de 27.

**Palavras-chave:** *Sevilha andando*; poesia brasileira; mulher; cidade.

## ABSTRACT

From the coexistence of João Cabral with the Spanish space and artists, mainly in Seville, this universe was not only seized on the theme, but also in the linguistic expression used by the poet in which he presents figures of real world – the woman and the city – recreating them with the words, giving them a new meaning in which the woman receives the attributes of the city and this, the attributes of the woman and he builds a ideal city, woman and poetry. Based on this information, this study aims to investigate the figures of the city, the woman and poetry in the book *Sevilha andando*, analyzing the difference in approach of the theme of female an urban space in both parts of the book in question (“Sevilha andando” and “Andando sevilha”), besides the learning of João Cabral with medieval Spanish poetry with poets of the Generation of 27.

**Keywords:** *Sevilha andando*; Brazilian poetry, woman; city.

---

<sup>1</sup> Mestranda em Teoria e História Literária – UNICAMP – Campinas – SP.

Na modernidade, a temática da cidade tem apresentado importância na produção literária e os poemas de *Sevilha andando* (1989)<sup>2</sup> de João Cabral de Melo Neto apresentam o diálogo cultural que o poeta realizou com Sevilha em relação à temática da mulher e da cidade e ao aprendizado do seu fazer poético com este espaço.

João Cabral retrata a cidade de Sevilha como um lugar ideal para se viver, como no poema “As plazoletas” de “Sevilha andando” em que se tem: “Quem fez Sevilha a fez para o homem”. Nota-se que a visão apresentada pelo poeta da cidade espanhola se diferencia da de outros escritores modernos e contemporâneos como também da própria descrição que ele faz de Recife. A “‘cidade mítica’ de Sevilha vence a antiga sensação do que se propõe como locus terribilis e se faz a metáfora dominante do locus amoenus.” (LEITE, 2003, p. 52) Não é a imagem de uma cidade apocalíptica e infernal, ao contrário, no livro *Sevilha andando*, a cidade descrita por João Cabral se afasta desta descrição caótica.

João Cabral constrói, por meio da linguagem, uma cidade ideal para o seu projeto poético em que “o meio ambiente sugere distinções e relações, e o observador – com grande adaptação e à luz dos seus objetivos próprios – seleciona, organiza e dota de sentido aquilo que vê” (LYNCH, 1997, p. 16). A partir dessa afirmação de Lynch, um escritor pode apresentar visões diferentes de um mesmo lugar já que “a cidade escrita é, então, resultado da leitura, construção do sujeito que a lê, que a pensa como condensação simbólico-material e como cenário de mudança, em busca de significação.” (TEIXEIRA, 2007, p. 45)

A partir dessas observações, este estudo pretende investigar as figuras da cidade, da mulher e da poesia, ambas com características populares de Sevilha no livro *Sevilha andando* e quais as formas literárias que esses objetos assumem na obra cabralina, analisando a diferença na abordagem da temática do feminino e do espaço urbano nas duas partes do livro em questão (“Sevilha andando” e “Andando sevilha”), além do aprendizado de João Cabral com a poesia medieval espanhola e com os poetas da Geração de 27, de onde o escritor extrai sua lição de poesia.

Outro aspecto a ser notado na obra em questão, é que João Cabral apresenta uma abordagem diferente de Sevilha, “se, na primeira parte do livro, ele vê a cidade na mulher, num lance metalinguístico que é a sua marca, na segunda é a perspectiva da mulher na cidade, com que completa o círculo de leitura e de nomeação” (BARBOSA, 2001, p. 94). Além dessa diferença na abordagem da cidade em cada parte, os poemas de *Sevilha andando* acentuam o diálogo de João Cabral com a cultura e a literatura espanhola em que ele:

---

<sup>2</sup> O livro *Sevilha andando* editado em 1989 pela Nova Fronteira é constituído de duas partes: “Sevilha andando” e “Andando Sevilha”.

Se vuelve hacia la literatura medieval española, con el mismo afán y semejante espíritu que la Generación del 27. Se ha destacado el realismo, el objetivismo, el descriptivismo, la narratividad y el didactismo de las literaturas popular y culta fundidas en la literatura tradicional. El romancero, el “mester de clerecía”, los Cantares de Gesta ofrecen a Cabral modelos para cumplir su misión social como artista. (TÁPIA, 2008, p. 06.)

O aprendizado da poesia de João Cabral se deve ao convívio com os poetas da Geração de 27, os quais retornaram às raízes populares da poesia medieval espanhola. Dos autores dessa geração espanhola, foi no momento crucial de seu projeto poético que “João Cabral encontrava em Jorge Guillén um exemplo: a perfeição – aquela volta perigosa do poema sobre si mesmo – não deve significar a negação do mundo: o horizonte mais rigoroso é aquele que se inventa a cada instância do poema. E do mundo.” (BARBOSA, 1986, p. 105). Foi o aspecto moderno da poesia de Jorge Guillén – “o rigor com que atinge a criação de uma metáfora capaz de nomear a realidade – que maior influência exerceu sobre uma das fases mais importantes da poesia do brasileiro João Cabral de Melo Neto.” (BARBOSA, 1986, p. 101).

Desta maneira, estudar o livro *Sevilha andando* indica um trabalho de análise não só da temática, como também das influências da poesia espanhola, uma vez que se observa um caráter sintético em seus poemas, a ausência adjetiva, cuja presença só aparece para reforçar a essência do objeto: “... para que a aguda luz Sevilha”; “uma mulher de andar Sevilha”; “fê-la cidade feminina”; “o corpo animal de Sevilha”; “É a Praça de Touros barroca/ (...) Barroco alegre, de cal e ocre”. Essas características são influências dos poetas espanhóis, principalmente, Guillén:

Prevalece, dentro de él [Guillén], un acusado sustantivismo y, en consecuencia, es muy evidente la desnudez adjetiva. Si encontramos algún adjetivo, éste aparece para reforzar la cualidad esencial del objeto evocado. Los verbos actúan también enérgicamente, pero el verbo *ser* es el empleado con mayor frecuencia, ya que la poesía guilleniana exalta la esencialidad y plenitud del ser, de lo que es, de la realidad – “pájaro en la mano” -. La elipsis verbal, por otra parte, contribuye al ya mencionado sintetismo y a la compacta concreción de cada poema (ZARDOYA, 1974, p. 166-167.)

Em relação ao verbo “ser”, nota-se que é bastante empregado na obra de João Cabral: “que Sevilha, se há de entender/ é toda uma forma de **ser**”; “Mais que de Sevilha, **és** Sevilha”; “Sevilha **é** um estado de **ser**”; “Uma mulher que sabe **ser-se/ e ser** Sevilha, **ser** sol, desafia”; “Acordar **é** voltar a **ser**”; “**ser** cigano **é** viver sob tendas”; “Sevilha **é** um grande fruto cítrico”; (grifos nossos). A presença deste verbo se deve ao fato de a cidade possuir formas de ser,

trata-se de frases nominais que “consistem na atribuição de um ser a outro, não há, propriamente verbo, porque não há sentimento da manifestação dinâmica de um processo. Se aparece uma forma verbal, é a título de ligação ou CÓPULA, entre as duas coisas.” (CAMARA JUNIOR, 1980, p. 151).

Em *Sevilha andando*, nota-se a ocorrência do verbo “andar” que demonstra a intimidade com que o poeta ocupa o espaço sevilhano, intimidade construída a partir do convívio com a cultura, os poetas e a cidade de Sevilha: “... o tudo de Sevilha/ está no andar de sua mulher”; “Só com andar pode trazer/ a atmosfera Sevilha, cítrea”; “uma mulher de andar Sevilha”; “Sevilha tem bairros e ruas/ onde andar-se solto, à ventura,/ onde passear é navegação,/ é andar-se, e sem destinação,/ onde andar navegando à vela/ e nada a atenção atropela,/ onde andar é o mesmo que andar-se”. Além da presença nos versos, o verbo “andar” aparece no título de cada parte: “Sevilha andando” em que a cidade é marcada pelo andar da sevilhana; “Andando Sevilha” em que o espaço é percorrido pelo olhar do poeta ao descrever a cidade e os tipos sevilhanos.

Sobre as influências na poesia cabralina, no início, Cabral foi influenciado pelos franceses Mallarmé e Valéry e pelos poetas brasileiros Bandeira e Murilo Mendes. Depois, o poeta realizou um profundo estudo das obras espanholas desde a antiguidade até os modernos. Assim, a partir da convivência com o espaço e com os artistas espanhóis, este universo foi tomando conta não apenas da temática, mas também da expressão linguística utilizada pelo poeta em que ele apresenta figuras do mundo real – mulher e cidade – recriando-as com as palavras, dando-lhes uma nova roupagem em que mulher recebe os atributos da cidade e esta, os atributos da mulher e constrói uma cidade, uma mulher e uma poesia ideais.

No livro *Sevilha andando*, nota-se o diálogo que João Cabral estabeleceu com o espaço e com a literatura espanhola. Nesta obra, não há a temática do nordeste como em livros anteriores e Cabral penetra a intimidade da cidade de Sevilha e a toma para si, realizando e escrevendo uma poesia espanhola tanto em relação à temática, como também pela estrutura da poesia. Há uma relação mulher, cidade e poesia, ambas com características espanholas.

No poema “Cidade de nervos” da primeira parte homônima do livro *Sevilha andando*, nota-se a presença espanhola na cidade, na mulher e na poesia.

### **Cidade de nervos**

Qual o segredo de Sevilha?

Saber existir nos extremos  
como levando dentro a brasa  
que se reacende a qualquer tempo.

Tem a tessitura da carne  
na matéria de suas paredes,  
boa ao corpo que a acaricia:  
que é feminina sua epiderme.

E tem o esqueleto, essencial  
a um poema ou um corpo elegante,  
sem o qual sempre se deforma  
tudo o que é só de carne e sangue.

Mas o esqueleto não pode,  
ele que é rígido e de gesso,  
reacender a brasa que tem dentro:  
Sevilha é mais que tudo nervo.

(MELO NETO, 1989)

O poema “Cidade de nervos” apresenta quatro quartetos e oito sílabas métricas (octossílabo na contagem portuguesa) e possui rima toante nos versos pares e livre nos ímpares. Essas características estão presentes na poesia espanhola já que o verso octossílabo é uma tradição do romanceiro espanhol e tem como característica formal a rima toante nos versos pares e a rima livre nos versos ímpares, além de apresentar um caráter oral. Vale ressaltar que os poemas tanto de “Sevilha andando” como de “Andando Sevilha” que se esquematizam em forma de quartetos apresentam este esquema. Os que não se estruturam nesta forma tradicional, mas em dísticos, apresentam somente as rimas toantes emparelhadas e o octossílabo em alguns poemas.

Em relação ao uso formal em sua poesia, João Cabral em resposta ao artista plástico Carlos Carvalho na revista *34 Letras* afirma:

Muitas vezes eu uso a rima toante, e o espanhol, por exemplo, sente imediatamente a rima toante. Eu uso essas duas coisas porque o verso de 8 sílabas, que eu uso com uma acentuação irregular interna, dá a impressão de prosa. E a rima toante, como

eu sei que ela não soa no ouvido brasileiro, dá a impressão de que o poema não é rimado. (MELO NETO *apud* ATHAYDE, 1998, p. 94-95)

Em relação à temática, a cidade de Sevilha é uma cidade de nervos, porque coordena todos os movimentos, pensamentos e sensações, assim como o nervo. A arquitetura da cidade recebe as características de um ser humano, especificamente o feminino como se pode comprovar nos versos: “Tem a tessitura da carne/ na matéria de suas paredes” e em “que é feminina sua epiderme”. Há a união de elementos da cidade e da mulher.

Além da cidade possuir nervos, ela apresenta a estrutura de um “esqueleto, essencial/ a um poema ou um corpo elegante”. Neste caso, os objetos mulher, cidade e poesia estão entranhados na construção do poema e apresentam características espanholas em que um complementa o outro: a cidade possui as essencialidades de um corpo humano feminino que, por sua vez, tem o esqueleto essencial a um poema. Neste sentido pode-se pensar no esqueleto do poema, do corpo e da arquitetura da cidade. Mas este esqueleto “é rígido e de gesso” e por este motivo não pode “reacender a brasa que tem dentro” como o nervo, já que o segredo de Sevilha está no fato de ela possuir nervos que possibilitem reacender a brasa.

João Cabral, no poema “Cidade de nervos”, transforma a realidade material em realidade poética, ou seja, recria por meio de sua sensibilidade e mente lúcida uma cidade e uma mulher ideais para seu projeto poético.

No poema “A catedral” de “Andando Sevilha”, o tema da cidade de Sevilha também se faz presente, mas de uma perspectiva um pouco mais crítica, utilizando os mesmos recursos formais do poema anterior.

### **A catedral**

“Vamos fazer tal catedral  
que nos faça chamar de loucos”  
propôs um dia no Cabildo  
um cónego louco de todo.

Na monstruosa mole vazia,  
podia caber toda Sevilha,  
e muita vez, dia de chuva,  
foi bolsa de especiarias.

\*

Hoje é como uma cordilheira  
na graça rasa de Sevilha;  
é um enorme touro de pé  
em meio a reses que dormitam.

Foi construída de uma só vez  
como um livro de um só poema.  
O ouro das Índias que a pagou  
deu unidade a seu esquema.

\*

Na catedral, um dia por ano,  
se expõe à beata devoção  
o corpo do rei Dom Fernando  
que morreu de amarelidão.

Pelo menos é o da malária,  
não o de quem viveu na guerra:  
é aquele amarelo doente,  
transparente, quase de vela.

\*

Lá se admira a terceira tumba  
de Colombo, como outras, falsa.  
(As de Cuba e de São Domingos  
pretendem também a carcaça).

Mas parece que a verdadeira  
é o leito do Guadalquivir,  
que uma cheia antiga levou-a  
de uma Cartuxa que havia ali.

(MELO NETO, 1989)

O poema “A catedral” apresenta versos de oito sílabas métricas (octossílabo), rima toante nos versos pares e, livre nos ímpares. Há oito quartetos divididos em quatro partes

compostas de dois quartetos, como marca a presença dos asteriscos. É comum encontrar divisões nos poemas de João Cabral que indicam mudança de ponto de vista no tratamento do tema desenvolvido.

Sobre a forma estrófica escolhida por João Cabral destaca-se a *cuaderna vía* (quartetos) com origem na poesia medieval espanhola. Esta forma é de caráter popular e tem relação com a tradição oral, por isso tem um tom narrativo. João Alexandre Barbosa já havia verificado o caráter narrativo dos poemas de *Sevilha andando* ao diferenciá-lo do livro *Quaderna* que também retrata a cidade de Sevilha e a mulher, destacando que “a mudança qualitativa que agora ocorre em *Sevilha andando*, está em que (...) é mais forte o peso da própria estrutura narrativa dos poemas” (BARBOSA, 2001, p. 92.). Isso se deve ao aspecto descritivo dos poemas.

A primeira parte do poema marca o projeto de construção do prédio decidido no Cabildo<sup>3</sup>: “Vamos fazer tal catedral/ que nos faça chamar de loucos”. Esse projeto se tornou realidade e a tal catedral planejada é o terceiro maior templo do mundo e a maior catedral gótica. Nos dois primeiros quartetos está descrito o projeto e a sua grandiosidade: “Na monstruosa mole vazia,/podia caber toda Sevilha”. A possibilidade de caber toda Sevilha na catedral intensifica a grandiosidade da obra.

A segunda parte representa o tempo presente pelo advérbio “hoje” no início da estrofe em que a catedral já não é tão imensa a ponto de caber Sevilha, é apenas “um enorme touro de pé/ em meio a reses que dormitam”. A mudança de perspectiva no tempo presente se deve ao fato de existir catedrais maiores.

No segundo quarteto desta parte, a rápida construção da catedral é comparada a de um livro de um só poema, cuja crítica se encontra nos dois últimos versos: “O ouro das Índias que a pagou/ deu unidade a seu esquema”. A construção da catedral é relacionada à construção de um poema, cujo o ouro que a pagou, pode ser o das editoras que pagam para realizar a escrita rápida de um livro de poemas.

Na terceira parte outros dados sobre a catedral são expostos no poema de maneira crítica como, por exemplo, em que nela “se expõe à beata devoção/ o corpo do rei Dom Fernando”, em que o eu-poemático não concorda com a devoção, já que sua morte não foi a da amarelidão de “quem viveu na guerra”, mas a do amarelo doente, da malária.

Na última parte, especifica-se que nessa Catedral se encontra a “terceira tumba/de Colombo, como outras, falsa” na concepção do eu que critica o fato de as outras duas

---

<sup>3</sup> Cabildo é uma praça situada em pleno centro histórico em frente à Catedral.

possíveis tumbas, de Cuba e de São Domingos, pretenderem a carcaça, maneira como o eu se dirige a figura de Colombo. Para o eu do poema, a figura de Colombo não é idealizada.

Nos dois poemas pode se notar a maneira que o espaço espanhol influenciou a poesia cabralina em relação à forma e também à temática, abordada de maneira íntima pelo poeta devido à convivência com este espaço em que “a cidade modifica a literatura, rompe os limites entre prosa e verso, muda as relações entre sujeito e objeto, transforma a contemplação e a observação em registro” (BERARDINELLI, 2007, p. 157.)

Essas análises corroboram com a ideia de que as imagens da cidade não se resumem ao que é visto na sua objetividade, são imagens pelo escritor criadas e construídas pela linguagem. A apreensão do objeto depende da relação do sujeito com a cidade. Há uma relação mundo e língua literária. Trata-se do mundo do texto e do escritor, o mundo próprio a um projeto poético único.

O projeto poético cabralino teve grande influência da literatura espanhola, em que o próprio João Cabral, em entrevista a José Carlos de Vasconcelos (1966), afirma que foi só na Espanha que ele teve o primeiro contato com os clássicos, desde o “Poema do Cid” a Gonzalo de Berceo e ao Século de Ouro. Desta forma, *Sevilha andando* é o livro em que a cidade de Sevilha e todo o aspecto cultural e literário espanhol se tornam centrais e não dividem mais o espaço com a cidade de Recife como em obras anteriores de João Cabral.

Para Cabral, a Espanha configura o seu projeto de poesia e além do afetivo, Sevilha possibilitou ao poeta uma teoria da cidade, não apenas para compreendê-la, mas também para apresentá-la como modelo para outras cidades, chegando a propor “Sevilhizar o mundo” e o poema “Sevilha e o progresso” é a síntese de sua teoria da cidade.

## REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Félix de. **Ideias fixas de João Cabral de Melo Neto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: FBN; Mogi das Cruzes: Universidade de Mogi das Cruzes, 1998.

BARBOSA, João Alexandre. **As ilusões da modernidade**. São Paulo: Perspectiva, 1986.

\_\_\_\_\_. **João Cabral de Melo Neto**. São Paulo: Publifolha, 2001.

BERARDINELLI, Alfonso. **Da poesia à prosa**. (Trad. Maurício Santana Dias). São Paulo: Cosac Naify, 2007.

CAMARA JUNIOR, Joaquim Mattoso. **Contribuição a estilística portuguesa**. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

LEITE, Sebastião Uchoa. A poesia e a cidade. In: **Crítica de ouvido**. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MELO NETO, João Cabral de. **Sevilha andando**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

TAPIA, Nicolas Extremera. **João Cabral de Melo Neto y la Generación del 27**. Revista Artifara, n. 8, seção Addenda, 2008. Disponível <<http://www.artifara.unito.it/Nuova%20serie/Artifara-n-8/Addenda/default.aspx?oid=98&oalias>> Acesso 07 jul. 2011.

TEIXEIRA, Níncia Cecília Ribas Borges. **Fisionomia da Cidade Moderna**: margens literárias urbanas. Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários, vol.10, 2007. Disponível em <<http://www.uel.br/cch/pos/letras/terraroxa>> Acesso em 04 de abril de 2011.

ZARDOYA, Concha. **Poesía española del siglo XX**: estudios temáticos y estilísticos. Vol. II. Madrid: Editorial Gredos, 1974.